

POLÍTICA ECONÔMICA

Pacto é criticado por economistas

Técnicos temem que proposta leve à "economia populista" e prejudique tentativa de retomada do crescimento

ISABEL DIAS DE AGUIAR



O pacto social, sugerido pelo ministro do Planejamento, Paulo Haddad, enfrentará resistência de alguns economistas. A proposta corre o risco de enveredar pelo caminho do populismo econômico, segundo Sideval Aroni, presidente do Sindicato dos Economistas do Estado de São Paulo. "Isso não dá certo", afirma.

Em economia não há milagre, acrescenta o presidente do Conselho Regional de Economia-SP, Carlos Antonio Luque, que questiona os resultados alcançados com o acordo entre trabalhadores e empresários do setor automotivo. Para Luque, as negociações devem ser mais amplas. No atual contexto, considera injusto pedir mais sacrifício dos trabalhadores. "Seria demais." O economista não acredita em sucesso duradouro dos acordos de preços e salários.

Luiz Carlos Leite/AE



Nakano

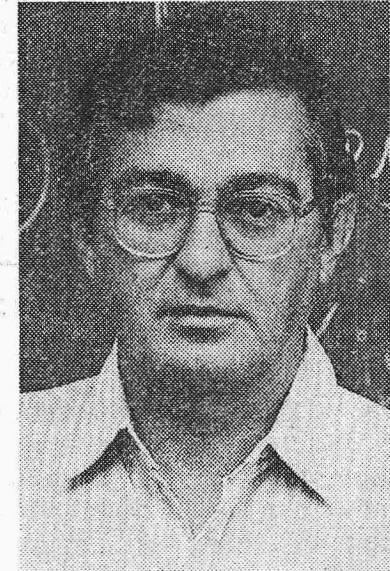
Pacto só em ambiente político como garantia

O acordo da indústria automobilística, que proporcionou a redução de 22% nos preços dos veículos, em abril, só deu resultado, de acordo com Luque, porque a economia está em recessão. As partes tinham interesse no resultado positivo.

Perdas — Yoshiaki Nakano, professor da Faculdade de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), acredita que o acordo do setor automotivo não foi contra, mas a favor da inflação. "Não se pode pensar em repetir a fórmula para combater a alta dos preços, já que garante a reposição integral das perdas", diz.

Na opinião de Nakano, pacto deve ocorrer no ambiente político. Essa seria, segundo ele, uma garantia mais segura de aceitação das perdas para todos os lados envolvidos na discussão. O professor da FGV diz que pacto mais importante deve ocorrer para a definição da reforma fiscal, quando o governo promover cortes em suas despesas.

Leonardo Castro/AE



Luque

Mais sacrifícios dos trabalhadores é injusto